



JOÃO EVANGELISTA

Da família Zebedeu, ou Zabdias, de um *pescador bem-sucedido e empresário de vários barcos*⁴, foram escolhidos por Jesus dois Apóstolos: Tiago Maior e João. A cidade era a pequena Betsaida.

Segundo Ernest Renan, *eles estavam imbuídos de energia e paixão. Jesus os havia apelidado, com graça, de “filhos do trovão”, por causa do zelo excessivo com que, muitas vezes, teriam feito uso do raio se dele pudessem dispor.*⁴

João era adolescente, portanto idealista. Com Tiago, seu irmão, e Pedro forma um comitê íntimo que se faz presente em momentos muito especiais, durante a trajetória terrena de Jesus.

Os irmãos conheciam as pregações do Batista e foi no Tiberíades, no dia em

que a primavera bordava rendados pela praia, que o Rabi os convidou a participar das alegrias da Boa-Nova, transformando-se em *pescadores de homens.*⁴

Humberto de Campos, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, descreve-os como de *temperamento apaixonado. Profundamente generosos, tinham carinhosas e simples, ardentes e sinceras as almas.*³

Magnetizados pelo olhar enérgico e carinhoso de Jesus, aderem ao sublime convite. No idealismo quente da sua juventude, João falava de seus planos de renovar o mundo, de pregar o Evangelho às nações. Sentia-se forte e bem disposto.

Mais tarde, ao derramar a cornucópia da sua saudade no seu Evangelho, ele falaria dos tantos momentos de êxtase e aprendizado com Jesus.

Ao descrever o encontro do Mestre com Nicodemos, demonstra, com certeza, ter sido testemunha ocular. Uma testemunha que talvez estivesse à porta, como quem se encontra à espreita, velando pela eventual proximidade de alguém que pudesse surpreender o esclarecedor colóquio entre o Rabi Galileu e o doutor da lei.

Quando narra o episódio das Bodas de Caná, João parece reviver o adolescente, maravilhado ante um Rabi pleno de sabedoria, que abençoa a união esponsalícia com a água lustral da Sua presença e a doçura do Seu amor.

Com Jesus, ele adentra a casa de *Jairo, o chefe da sinagoga, cuja filha se encontrava nas malhas da agonia...*¹ Há pouco, surpreendera o olhar agradecido de Verônica, a hemorroíssa, curada ao tocar o manto do Mestre.

E, quando agosto *derrama sua taça de luz e calor sobre a terra*¹, ele acompanha o Rabi na íngreme subida de 562 metros até o cume do Tabor. Após as 4 horas de marcha, ele dorme junto a Pedro e Tiago. São vencidos pela canícula e pelo cansaço.

Na madrugada que avança, vozes vibram no ar. A visão sublime de Jesus, com as vestes brilhantes, dialogando com Moisés e Elias, o faria mais tarde, evocando a cena inesquecível, iniciar a sua narrativa evangélica, escrevendo: *Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens, a luz resplandecente nas*

*trevas e as trevas não a compreenderam.*¹

O seu Evangelho foi especialmente dirigido aos cristãos que já conheciam a Mensagem. É o Evangelho espiritual, no dizer do Espírito Amélia Rodrigues.

João, jovem, assiste com Maria, os instantes de agonia e morte do seu Mestre e Senhor, a cuja dedicação Jesus entrega Sua mãe: *Filho, eis aí a tua mãe! E desencumbiu-se da missão, oferecendo-lhe o refúgio amoroso de sua proteção.*³

João foi com Pedro à Samaria, depois da ascensão de Jesus, e mais tarde voltou a Jerusalém, trabalhando na Casa do Caminho. Mereceu a prisão com Pedro e, libertado, prosseguiu nas atividades.

Após se instalar em Éfeso, busca Maria e a abriga em sua casa, doada por membro da família real de Adiabene. *No alto da pequena colina, distante dos homens e no altar imponente da Natureza, se reuniram ambos para cultivar a lembrança permanente de Jesus. Estabeleceriam um pouso e refúgio aos desamparados, ensinariam as verdades do Evangelho a todos os espíritos de boa vontade e, como mãe e filho, iniciariam uma nova era de amor, na comunidade universal.*³

Perseguido por Domiciano, foi enviado para Roma, sendo depois exilado na ilha de Patmos, onde teve ocasião de

escrever o Apocalipse. Após a morte de Domiciano, voltou para Éfeso e aí morreu quase centenário.

É o único dos Apóstolos a desencarnar de forma natural. A ele são atribuídas também três Epístolas: a primeira, dirigida aos fiéis da Ásia menor e que, segundo alguns, parece ter sido escrita como prefácio ao quarto Evangelho; a segunda, à senhora Electa e seus filhos, qualificando alguma Igreja na Ásia menor, e, a terceira, a Gaio, um rico cristão. É uma carta íntima e repleta de gratidão.

No ocaso do século XII, João retorna ao cenário do mundo, na figura de Francesco Bernardone, para se tornar o *pobre de Assis*.

Francisco, ao largo da sua trajetória corporal, tudo de si investiu para que o modelo crístico fosse a sua referência, na sede que demonstrava de segui-IO, de imitá-IO.

Trabalhou, sofreu, chorou muito, sem que tivesse imposto a ninguém qualquer dor, qualquer sofrimento. Ao contrário, ocultava suas lágrimas pessoais, quando se tratava de atender a terceiros. Ele conhecia e convivia com o Espírito do Cristo, mas entendia que o semelhante deveria ver o Cristo por meio das suas ações amorosas.²

É este mesmo João/Francisco/Amor que assina em primeiro lugar os *Prolegômenos* de O Livro dos

Espíritos. O instrumento de Deus atende, outra vez, ao chamado do Pastor e vem oferecer ao mundo o Consolador.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. VIII, item 18, recorda a doçura do encontro de Jesus com as crianças em que o Príncipe da Paz se detém a atendê-las. Nas suas linhas, podemos reconhecer o autor do 4º Evangelho e especialmente quando assim se expressa, referindo-se ao Mestre: *Ele foi o facho que ilumina as trevas, a claridade material que toca a despertar. (...)*

Fontes:

1. As primícias do reino/Divaldo Pereira Franco/Amélia Rodrigues. Sabedoria, 1967, cap. 12, 15 e 22.
2. A carta magna da paz/J.Raul Teixeira/Camilo. FRÁTER, 2002.
3. Boa nova/Francisco Cândido Xavier/Irmão X. FEB, 1963, cap. 4 e 30.
4. Vida de Jesus/Ernest Renan. Martin Claret, 1995, cap. 9.
5. Depois de Jesus. O triunfo do cristianismo. Seleções Reader's Digest, 1999, cap. 1, 2, 3.
Em 17.4.2020.
FEP – Federação Espírita do Paraná.